



ESPACIALIZANDO O ROMANCE: IMPLICAÇÕES FEMINISTAS DE UMA CONVERSA IMAGINADA ENTRE CAROLINA MARIA DE JESUS E VIRGINIA WOOLF

Taís Alves Teixeira¹

RESUMO

Este trabalho almeja tencionar duas obras literárias: *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus e *Um teto todo seu* de Virginia Woolf. Em uma espécie de exercício ortóptico, na busca por estimular os nervos oculares a fim de perceber o que foge ao nosso campo de visão quando buscamos compreender a experiência do lar, tendo como foco a perspectiva feminina. Enfatizando que a experiência feminina no espaço doméstico não é homogênea, por meio de uma conversa imaginada, colocamos em relação duas autoras de contextos distintos para estimular outras visões sobre o lar. Assim, quando desviamos o olhar para os pequenos movimentos insurgentes que ocorrem no ambiente doméstico marcado por corpos racializados, é possível perceber outros sentidos que este espaço pode abrigar.

Palavras-chave: Virginia Woolf, Carolina Maria de Jesus, Saberes Localizados, Espaço Doméstico, Epistemologia Feminista.

ABSTRACT

This work aims to present two literary works: Carolina Maria de Jesus's *Child of the dark* and Virginia Woolf's *A room of one's own*. In a kind of orthoptic exercise, seeking to stimulate the ocular nerves in order to perceive what is beyond our vision field when we seek to understand the experience of home, focusing on the female perspective. Emphasizing that the female experience in the domestic space is not homogeneous, through an imagined conversation, we put two authors from different contexts in relation to stimulate other views about home. Thus, when we look away from the small insurgent movements that take place in the domestic environment marked by racialized bodies, it is possible to see other meanings that this space can shelter.

Keywords: Virginia Woolf, Carolina Maria de Jesus, Situated Knowledges, Domestic Space, Feminist Epistemology.

¹ Mestranda no PPG-ICHSA da Universidade Estadual de Campinas – Limeira. Licenciada em Geografia pelo IFSP. Endereço de e-mail: t235001@dac.unicamp.br.



INTRODUÇÃO

Usar um sonho como ignição para iniciar uma escrita acadêmica não é uma prática usual, mas foi preciso recorrer a uma experiência onírica para explicitar os caminhos que este artigo percorrerá. Ao sonhar com uma discussão acalorada entre pessoas desconhecidas a respeito da espacialização do romance nas Ciências Humanas e acordar subitamente falando: É preciso espacializar o romance! Passei a me perguntar o que isso significa. Será que ao estudar a constituição das Ciências Humanas e compreender que este campo do conhecimento, o qual a Geografia integra e se constituiu ao longo da modernidade por meio de um conjunto de saberes fragmentados, havia acionado uma espécie de véu protetor da razão geográfica moderna? Estaria meu subconsciente moderno ligando uma sirene, alertando para os perigos de caminhar por trilhas epistemológicas afastadas da Geografia?

Ao racionalizar e procurar respostas, infelizmente não pude recorrer a uma busca *online*, prática corriqueira para os sonhos comuns. Por se tratar de um sonho conceitual foi preciso buscar outras referências, de modo que as palavras do filósofo Paul B. Preciado (2020) na obra *Um apartamento em Urano*, foram necessárias para constatar a integração entre sonho e realidade. Esta constatação confirmava que havia algo fora do meu campo consciente que não estava conseguindo acessar:

É tão estranho pensar, como os egípcios, que os sonhos seriam canais cósmicos através dos quais a alma dos antepassados se comunica conosco quanto pensar, como quer a neurociência, que seriam um “copiar e colar” de elementos vividos pelo cérebro na vigília que retornariam na fase REM do sono, quando nossos olhos se deslocam rapidamente sob as pálpebras, como se estivessem vendo. Fechados e adormecidos, os olhos continuam a ver. Logo, seria mais apropriado dizer que o psiquismo humano não para de criar e processar a realidade, às vezes em sonhos, às vezes acordado. (PRECIADO, 2019, p. 16)

Dessa forma, pude processar aspectos da realidade num movimento de autorreflexão na busca por respostas para aquele sonho. Então, associei a frase de efeito onírica “É preciso espacializar o romance”, com uma das referências que utilizo na pesquisa de mestrado do Programa de pós graduação Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da FCA/UNICAMP, o romance ensaístico de Virginia Woolf (2019) *Um teto todo seu*. Recorri à Woolf para pensar a respeito da experiência do



lar a partir da condição feminina e lésbica, pelo fato da autora apontar neste ensaio fatores que dificultam o trabalho intelectual por parte das mulheres, frequentemente vinculadas ao trabalho doméstico. No entanto, o que a realidade social inglesa das mulheres às quais Virginia Woolf palestrava na década de 1920 pode contribuir para entender a experiência de mulheres expulsas do lar, a partir de um recorte interseccional entre raça, classe, sexualidade, origem, e suas impressões sobre o espaço doméstico em obras literárias? Qual linha de raciocínio me levou a pensar nesta obra como referência?

Talvez, pelo fato de *Um teto todo seu* ser considerada uma obra fundamental do feminismo, ou porque ela ainda nos aproxima de um importante pensamento a respeito da desigualdade e ausência de espaço para mulheres que pretendem trabalhar intelectualmente. A obra acaba por nos conceder exemplos contundentes do quanto o espaço doméstico pode ser castrador e hostil para as mulheres. Sua capacidade de revelar as marcas da opressão e misoginia ainda é potente, mesmo após quase um século de sua publicação. O livro é resultado de uma série de palestras que Virginia Woolf ministrou em diversos momentos em Cambridge na década de 1920. Ele foi escrito a partir da ficcionalização da realidade, de maneira que, na criação da personagem Virginia não fez questão de lhe dar um nome oficialmente, pois a história, segundo ela, poderia ser vivida por qualquer mulher que se envolvesse com trabalho intelectual. Assim, em muitos momentos ao longo do ensaio é difícil distinguir a personagem da autora.

O contexto político, econômico e social em que Virginia Woolf vivia era o do frenético século XX, marcado por grandes transformações, técnicas, científicas e sociais. Presenciar essas transformações na urbe londrina, juntamente com as duas Grandes Guerras Mundiais, moldou a visão de mundo desta autora, que em suas obras buscava tencionar essas mudanças no âmbito dos valores sociais. Assim como ressaltava em seus ensaios a desigualdade de gênero no âmbito educacional.

Retomando a experiência onírica para atender ao pedido inconsciente de espacialização do romance, observo que, *Um teto todo seu* traz ao público uma insatisfação legítima referente à desigualdade de gênero. Contudo, ao “espacializá-lo” passo a compreender o seu contexto específico localizado no cotidiano de uma mulher branca, bissexual, inglesa e herdeira no hemisfério norte na década de 1920. Mesmo que suas palavras ainda sejam potentes e nos coloquem em crise por conta da permanência da opressão de gênero, passo a me questionar sobre o porquê minha referência para pensar a experiência do lar é Virginia Woolf?



Com isso, acabo por perceber o quanto, mesmo sendo enquadrada como uma mulher racializada, lésbica, brasileira e pobre, em uma pesquisa científica volto meu olhar facilmente para o norte, para entender problemas localizados no sul, mesmo que o contexto econômico e social seja completamente distinto. Este fato acaba por revelar o quanto nosso conhecimento está localizado no hemisfério norte, como consequência das relações coloniais que marcam a realidade brasileira. Nesse sentido, uma incoerência a qual o sonho conceitual provavelmente alertava seria de que, não basta ser feminista é preciso inserir abordagens não hegemônicas na pesquisa científica (HARAWAY, 1995). É preciso valorizar a contribuição que a autora inglesa fez em seu contexto, reconhecer sua potencialidade, mas é preciso inserir em nossas referências feministas visões que de algum modo possuam horizontes com paisagens mais próximas à nossa.

Ao voltar meu olhar para a cidade onde resido e pensar na problemática do lar relacionada com a literatura, encontro Carolina Maria de Jesus (2007) e sua maestria na escrita de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* expondo as mazelas da pobreza, a precariedade da existência de pessoas negras e pobres nos idos dos anos 1950 e 1960 na cidade de São Paulo. Logo, penso sobre a necessidade de problematizar o vício ocular calcado apenas nas referências de autoras mulheres canônicas que olharam para o lar partindo de uma abordagem crítica, mas que não se atentaram para aspectos relacionados ao lar por meio de um recorte inserido em problemáticas que estão fora da lógica branca, heteronormativa e de classe média.

METODOLOGIA

A aproximação entre as obras de Virginia Woolf e Carolina de Jesus se configura em uma maneira de colocar em prática a interseccionalidade enquanto abordagem analítica sensível, tendo como foco o tencionamento entre as reivindicações de ambas as autoras. Desse modo, buscamos compreender como se dá a interseccção de raça e classe no âmbito da escrita a partir de um ponto comum: a experiência dessas mulheres escritoras no lar e na cidade.

Interseccionar gênero, classe e raça, somados à localidade de *Um teto todo seu* e de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* se faz por meio da prática do que convencionamos chamar de exercícios ortópticos. Já que, no esforço de uma melhor



acuidade sobre um dado problema, deixamos escapar do campo visual aspectos importantes que muitas vezes estão relacionados a experiências subalternas.

No intuito de evitar transformar Carolina Maria de Jesus em objeto de conhecimento, buscamos tencionar sua obra com a de Virginia Woolf por meio do que temos denominado de conversas imaginadas. Almejando, neste tencionamento, a aproximação das reivindicações e a contextualização de cada autora em sua respectiva realidade política, econômica e social, com a intenção de fomentar a criação de um diálogo impossível, mas que ao mesmo tempo nos ajuda a entender as marcas da colonialidade em nosso pensamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tencionar a compreensão do espaço doméstico por meio de um olhar feminista, interseccional e interdisciplinar constitui-se em uma tarefa desafiadora, que consiste em pesquisar sem necessariamente voltar o olhar para o norte ou buscar referências canônicas do pensamento feminista. Consiste na tentativa de escapar do que parece ser uma espécie de vício dos nervos oculares, o qual nos faz facilmente cair em velhas armadilhas coloniais. A partir dessa constatação, vejo a importância de exercitar um olhar voltado à realidade local em relação a esta visão viciada em cânones.

Dessa forma, considero que imaginar uma conversa entre Virginia Woolf e Carolina Maria de Jesus, pode ser uma maneira para propor uma “visão de baixo” que possibilita “ver a partir da periferia e dos abismos” (HARAWAY, 1995, p. 22) ou ainda, ver a partir dos quartos de despejo. Nesse sentido, a conversa imaginada entre as autoras faz emergir um confronto entre a ideia de que a liberdade financeira em “um teto todo seu” seria algo necessário para uma mulher conseguir realizar um trabalho artístico intelectual; e o fato de Carolina Maria de Jesus ter sido capaz de escrever uma obra fundamental da literatura brasileira, sendo uma mulher negra, mãe solo, heterossexual, brasileira e favelada.

Este encontro improvável que só pode ocorrer em um esforço imaginativo, consiste em uma espécie de exercício ortóptico, aquele realizado pelos oftalmologistas com o objetivo de verificar se os nervos oculares estão sendo estimulados. Mas, neste caso não iremos ajustar a visão em busca de uma melhor acuidade, o que se propõe esta



reflexão é procurar nas duas experiências literárias horizontes convergentes e divergentes tendo como horizonte as concepções de lar, lugar e a prática da escrita.

Se considerarmos a possibilidade de exercitar uma visão de baixo partindo dos pressupostos do feminismo negro, a literatura torna-se uma maneira de investigar os conhecimentos subjugados. De acordo com Patricia Hill Collins, “a epistemologia indica como as relações de poder determinam em quem acreditar e por quê” (2019, p. 402). Por este viés, o fato de Woolf ser um cânone do pensamento feminista e ser enquadrada na categoria de mulher universal, acaba por sobrepor seu conhecimento em relação à experiência de Carolina Maria de Jesus que, quiçá poderia ser considerada uma mulher, quanto mais uma pensadora feminista.

Nesta conversa imaginada é possível identificar os principais embates entre as ideias propostas pelos feminismos brancos e pelos feminismos negros, demonstrando como a epistemologia do conhecimento, mesmo aquela que se propõe entender e questionar as desigualdades, quando não é feita de maneira anti-colonial, reproduz a visão de cima, apesar de estar embaixo. Ou seja, estamos optando aqui por aproximar duas autoras que viveram em contextos políticos, econômicos e sociais distintos e que consideramos relevantes para o pensamento feminista.

Este esforço se dá com o intuito de pensar acerca do porquê direcionamos nossos olhares de maneira “ocidentalocêntrica” (SANTOS, 2019), e não nos atentamos a outras maneiras de produzir conhecimento. Não pretendemos fazer juízo de valor ao partir da realidade social de cada uma das autoras, o que buscamos com esta conversa imaginada é suspender por um momento a objetividade e as formas metodológicas tradicionais de análise, para podermos encontrar pistas que possam nos levar a percepções contra hegemônicas do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Imaginemos que um dia ao visitar Londres para a divulgação de seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus tenha conhecido a também escritora Virginia Woolf. Por não ter domínio da língua inglesa, Carolina contou com apoio de intérpretes para estabelecer o diálogo. Após Carolina de Jesus ser apresentada à Virginia Woolf, a escritora inglesa, de maneira comedida, ressaltou o quanto ficou tocada com a leitura de seu livro, por meio da qual pode se aproximar da realidade vivida pelas



mulheres pobres no Brasil, especificamente da cidade de São Paulo. Enfatizou que, dentre as muitas coisas que a surpreenderam durante a leitura foi pensar como Carolina havia conseguido escrever todos aqueles relatos contundentes, reais, tristes e revoltantes vivendo em uma situação tão precária, imersa nas demandas dos trabalhos domésticos e do cuidado com os filhos.

Carolina agradece pela admiração e diz que partiu da sua realidade mesmo.

– A vida ali me oferecia argumentos e contra argumentos cotidianos. A imaginação era mais do que necessária para, de algum modo, enfrentar a brutal condição vivida na favela, sem alimentos, água, roupas e sapatos para as crianças. Eu não me chateava com o trabalho doméstico, a fome era o meu principal motivo de preocupação além da falta de um teto que pudesse chamar de meu.

Virginia assentiu para a resposta de Carolina e ressaltou que ao escrever o ensaio-romance *Um teto todo seu* procurou fazer uma defesa da liberdade intelectual e do acesso a bens materiais, para que a desigualdade social e de gênero não impedisse as mulheres de serem produtivas intelectualmente. Carolina concorda, mas acrescenta que infelizmente em países como o Brasil, marcado pelo processo de colonização, é preciso inventar formas de produzir sentido para a vida. E acrescentou que a escrita estava nesse lugar de afirmação de sua existência. As duas se despediram com um abraço e Carolina convidou Virginia para conhecer o Brasil.

– Acho que só conhecendo o Brasil pra, talvez, você entender que as mulheres negras muitas vezes não são nem consideradas mulheres, quiçá intelectuais.

Se nos concentrarmos nas reivindicações das duas autoras, encontraremos pontos convergentes. Mas, ao tencioná-las e inseri-las em seus contextos espaço temporais e sociais, logo iremos perceber as distinções explicitadas pelas diferenças de classe e raça. Perceber estes elementos é essencial para que possamos compreender o porquê uma obra foi alçada como um cânone do pensamento feminista, enquanto outra não recebeu o mesmo reconhecimento.

Quando a socióloga brasileira Lélia Gonzalez relacionou o racismo por omissão ao feminismo latinoamericano, estava justamente nos alertando a esta tendência racista de apagamentos epistemológicos. A omissão da contribuição de Carolina Maria de Jesus



para pensar as condições de vida das mulheres negras, intelectuais, catadoras e faveladas é um exemplo de como nossos olhos inebriados pelos efeitos do par modernidade/colonialidade (MIGNOLO, 2017) tendem a ceder a um viés epistemológico eurocêntrico. Assim, omitir ou mesmo não ver uma abordagem feminista em *Quarto de despejo*, pode coadunar com a prática de uma epistemologia sexista e racista.

Por tudo isso, o feminismo latino-americano perde muito de sua força abstraindo um fato da maior importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região. Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. (GONZALEZ, 2020, p. 142)

Esta crítica que Lélia Gonzalez faz ao feminismo latinoamericano, demonstra como o racismo por omissão tende a agir de maneira a produzir apagamentos. Talvez, por este motivo não seja comum creditar a obra de Carolina Maria de Jesus como um brilhante manifesto feminista latinoamericano.

Logo, se concordarmos com bell hooks², uma importante intelectual feminista estadunidense, que o lar para as mulheres negras possui uma dimensão política radical, mesmo que seja um barraco, em uma favela, num país localizado na periferia do capital, este pode ser um espaço de resistência. “Essa tarefa de constituir um lar, de fazer do lar uma comunidade de resistência, tem sido compartilhada por mulheres negras do mundo inteiro, especialmente por mulheres negras que vivem em sociedades de supremacia branca” (HOOKS, 2020, p. 107). Dessa forma, podemos olhar para o barraco na favela do Canindé, onde Carolina de Jesus vivia, como espaço de resistência e criação, que tornou possível exercitar a imaginação e construir sentido e conhecimento, apesar da miséria material.

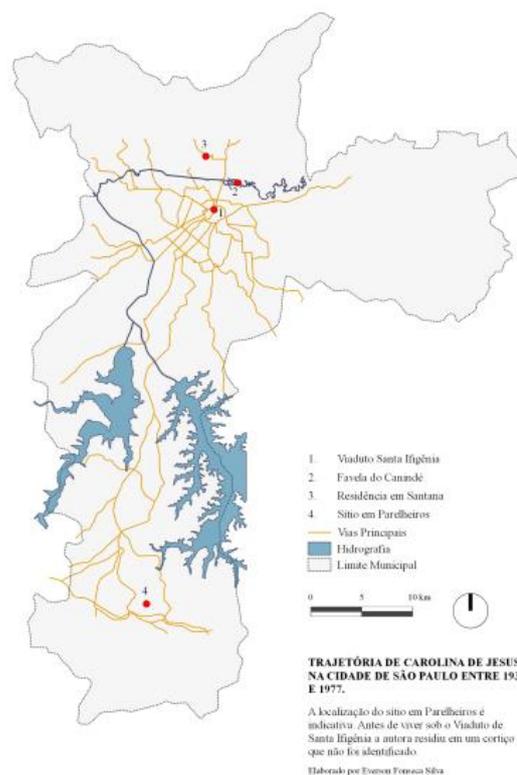
Carolina Maria de Jesus era uma migrante que chegou à cidade de São Paulo em 1937 em um contexto de frenéticas mudanças na paisagem urbana, modificações que estavam sustentadas pelo par modernidade/colonialidade, o qual encontrava na lógica universal, individualista, racionalista e ilustrada valores que paulatinamente seriam gravados no chão do espaço urbano paulista. Essas modificações, como sabemos, não

² bell hooks é o nome da bisavó de Gloria Watkins, que o adotou como um pseudônimo e deve ser escrito com as letras iniciais minúsculas. Tal iniciativa tem por objetivo valorizar o conteúdo de seus livros e não a identificação de sua autoria.



incluía aqueles que haviam sido escravizados e, mesmo no contexto republicano moderno industrializado, os filhos, netos e bisnetos de escravizados. Ao passo que a realidade narrada pela migrante Carolina de Jesus demonstra o lugar de moradia ao qual a população negra e pobre ainda é destinada na cidade de São Paulo.

Conforme as palavras de Carolina, a cidade de São Paulo era classificada da seguinte forma: “O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a Favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2012, p. 32). A lucidez com que Carolina de Jesus explicita o lugar destinado à população negra e pobre em São Paulo nos permite compreender o quanto para a autora o problema da expulsão do corpo pobre e preto do espaço urbano era um dado evidente. Mesmo se reconhecendo como uma munícipe, ela, uma mulher negra, catadora, insubmissa ia contra a proposta disciplinadora da mulher urbana operária e vigilante do lar. Desse modo, ao exercer a função de catadora, vivendo em uma favela, Carolina de Jesus estava em oposição ao corpo dócil e disciplinado que o projeto de urbanidade queria.





No artigo *Carolina Maria de Jesus, uma trajetória urbana* (BARONE, 2015), a análise feita sobre o processo de urbanização da cidade de São Paulo a partir das obras literárias de Carolina de Jesus, demonstra o seu desejo de desvinculação da favela do Canindé por meio da conquista da sonhada casa de alvenaria. Isto é, aquilo que Virginia Woolf reivindicava como um teto todo seu. Em um feito extraordinário, Carolina de Jesus adquire a sonhada casa de alvenaria após o sucesso de venda do livro *Quarto de despejo*, contudo, ter uma casa a qual pudesse chamar de sua não lhe trouxe a realização que almejava.

O preconceito e o racismo enfrentados pela autora e seus filhos, que são descritos na obra *Casa de alvenaria: Santana* (JESUS, 2021), se configuraram com a finalidade de expulsá-la de um tradicional bairro de classe média paulistana para as bordas da cidade. O deslocamento de Carolina de Jesus por São Paulo é demonstrado pelos mapas que representam sua morada na extinta Favela do Canindé, às margens do Rio Tietê; além da passagem por um cortiço do qual não se tem a localização definida, o Viaduto Santa Ifigênia, assim que chegou à cidade e a mudança para o bairro de Santana ao realizar o sonho de residir em uma casa de alvenaria, do qual é empurrada para o extremo sul da cidade, na região de Parelheiros. Tal deslocamento nos faz compreender o quanto o processo de expulsão do corpo preto acontece, mesmo quando este tenta se enquadrar em um dado modelo de urbanidade.

Se voltarmos à reivindicação de Virginia Woolf e a relacionarmos com a experiência vivida por Carolina Maria de Jesus, percebemos que o desejo de um teto todo seu e a concretização deste desejo, por meio da aquisição da casa própria, não significou para Carolina a liberdade celebrada pela autora britânica. O racismo, a pobreza e o classismo operaram a fim de realizar o processo de expulsão dos corpos racializados de Carolina e sua família do espaço urbano. Tanto que o mapa: *Trajeto de Carolina de Jesus na cidade de São Paulo entre 1937 a 1977* pode ser interpretado como uma evidência desse processo de expulsão, ao representar os percursos e formas de moradia da autora e o seu afastamento paulatino do centro de São Paulo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convocação do sonho para espacializar o romance, levou à confrontação de escolhas epistemológicas, pontos de vista e questionamentos a respeito das permanências do pensamento moderno geográfico e das epistemologias feministas não racializadas, que reproduzem apagamentos e alimentam epistemicídios. Assim, no exercício de uma conversa imaginada entre Virginia Woolf e Carolina de Jesus, é preciso ressaltar que os momentos históricos vividos por cada autora são compreendidos como específicos, bem como suas localidades e posições sociais. Contudo, imaginar este encontro impossível é também imaginar espaços para colocar em diálogo diferentes contextos oriundos do processo de globalização e de amplo desenvolvimento técnico-científico-informacional.

Ao passo que, uma possibilidade esboçada nessa reflexão é a de problematizar o não reconhecimento de Carolina Maria de Jesus como uma importante figura, que pode nos colocar em contato com abordagens as quais são reivindicadas pelas geografias feministas. Por exemplo, quando tais abordagens geográficas reivindicam o direito à cidade, a partir da luta para que corpos que performam o gênero feminino e corpos racializados possam se sentir seguros no espaço urbano. Logo, é possível olhar para a experiência narrada no diário de Carolina de Jesus como potência para pensar a relação de mulheres negras com a cidade enquanto lar.

O exercício de imaginar uma conversa, portanto, configura-se como uma forma de estabelecer relação entre as autoras por meio de uma análise sensível sobre a realidade de cada uma. Reafirmando que a reivindicação legítima de um espaço destinado ao trabalho intelectual, à criação artística, feita por Virginia Woolf, ainda se faz necessária em muitos sentidos, mesmo após quase um século da publicação de sua obra de referência para esta discussão. Afinal, os problemas relacionados à desigualdade de gênero na escrita literária, na formação escolar e acadêmica em determinados contextos sociais e geográficos ainda persistem.

Mas, se situarmos a reivindicação a qual Virginia Woolf fez inserindo elementos de raça e classe, invariavelmente outros aspectos emergem. Virginia Woolf em *Um teto todo seu* não nos convoca a pensar em moradia, direito à cidade e urbanidade, carístia e racismo. Já Carolina de Jesus, em *Quarto de despejo*, nos convoca a pensar nestes aspectos pela forma como descreve a vida na favela e o desejo pela casa de alvenaria.



Nesse sentido, a abordagem interseccional demonstra que a desigualdade de gênero quando articulada com outras “avenidas identitárias” (AKOTIRENE, 2019), nos permite compreender a complexidade da obra de Carolina Maria de Jesus. Quando pensamos a dor de Carolina com a ausência de alimentos, saneamento, emprego formal e uma casa de alvenaria, conseguimos estabelecer uma conexão com a realidade de muitas mulheres brasileiras que ainda vivem em condições semelhantes a dela.

É sabido que as reflexões em torno de gênero, raça e sexualidade é uma prática relativamente recente na ciência geográfica, algo que a geógrafa Joseli Maria Silva nos adverte:

A ciência geográfica hegemônica é marcada por privilégios de sexo e de raça, características que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos não brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante. Durante muito tempo, as existências espaciais desses grupos ou de suas ações concretas não foram consideradas “adequadas” como objetos de estudo do campo da geografia branca, masculina e heterossexual, que nega essas existências e também impede o questionamento da diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas espacialidades. (SILVA, 2009, p. 26).

A partir dessa perspectiva podemos inferir que, não ver a potencialidade de uma abordagem geográfica e feminista nas duas obras literárias resulta desta miopia epistemológica. *Um teto todo seu* nos leva ao questionamento da impossibilidade de coexistência do espaço doméstico, a criação de ficção e o trabalho intelectual realizado por mulheres. Este questionamento torna-se atual quando, por exemplo, encontramos pesquisas que levam à constatação de que há uma baixa produção de artigos científicos feitos por mulheres no contexto pandêmico entre 2020-2021 no Brasil³. Assim como, não ver a reivindicação explícita por urbanidade em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* nos faz pensar nas afirmações de Vergés (2020) a respeito do que a autora nomeia como feminismo civilizatório o qual, por cegueira, não reconhece a atuação de mulheres negras e daquelas que estão fora do hemisfério norte.

Foi com o intuito de entender o que era espacializar o romance que iniciamos um estudo da concepção de lar como lugar e, por meio da obra de Carolina de Jesus, nos deparamos com problemas que ultrapassam a esfera do lar. O espaço doméstico em

³ Para saber mais informações sobre a redução de publicações científicas realizadas por mulheres no contexto pandêmico, verificar em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/> Acesso em: 10 de setembro de 2021.



Quarto de despejo toma a cidade. A partir da leitura de Carolina de Jesus, torna-se evidente que os problemas domésticos, no limite, são problemas sociais, se fizermos uso da ideia de que “o pessoal é político”⁴. Pois, entre outros aspectos, a negação do acesso à urbanidade e, portanto, do direito à moradia para pessoas pretas e pobres é um elemento fundante de sociedades marcadas pelo processo de colonização.

Então, partir de um exercício ortóptico foi uma maneira de encontrar pistas para compreender como ainda é um desafio articular visões de baixo, dos abismos e quartos de despejo, em relação à predominância das visões de cima. O que almejamos nesta escrita não é a defesa unilateral de uma visão única, centralizada, mas sim, exercitar as convergências e divergências entre os pensamentos produzidos por Virginia Woolf e Carolina Maria de Jesus, que concernem a contextos muito diferentes, mas passíveis de diálogo. Dessa maneira, podemos cogitar a constituição de uma epistemologia feminista plural, proveniente de uma abordagem interseccional (COLLINS, 2019) e da necessidade de reconhecer a importância da concepção de saberes localizados (HARAWAY, 1995), para que esta pluralidade possa de fato escapar aos apagamentos promovidos por uma perspectiva universalizante de produção do conhecimento geográfico.

Relacionar as obras de Virginia Woolf e Carolina de Jesus parece ser algo inevitável para quem busca compreender os impeditivos, no contexto doméstico, da produção intelectual e artística, somados à ausência de condições materiais para as mulheres, sobretudo para aquelas que são racializadas e pobres. Ao passo que no prefácio do recém-lançado livro: *Casa de Alvenaria, Volume 1: Osasco*, a escritora Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus, a filha de Carolina de Jesus, afirmam que:

Percebendo o ônus de seu sucesso, o preço de sua glória, Carolina Maria de Jesus beirava o desespero, embora desfrutasse também os prazeres, os encontros, as viagens e os amores que a nova vida lhe oferecia. Mas continuava buscando, nas palavras de Virginia Woolf, “um teto todo seu” para exercer seu ofício de escritora, para poder ser poeta, que era como se sentia. Avaliando as condições materiais, o entorno e as pressões emocionais em que Carolina produzia sua escrita, percebemos como a literatura dela foi construída em situação adversa do que Woolf reivindicava para que uma mulher pudesse escrever. (EVARISTO; JESUS, 2021, p. 11)

⁴ O termo foi pensado pela jornalista Carol Hanisch em um texto publicado em 1969, onde buscava demonstrar que muitos dos problemas relatados por mulheres nos grupos terapêuticos eram problemas sociais. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/190219/O+Pessoal%2B%C3%A9%2BPol%C3%ADtico.pdf> Acesso em: 10 de setembro de 2021.



Por esta perspectiva, as inquietações que levaram Virginia Woolf a escrever *Um teto todo seu* de algum modo continuam latentes na realidade contemporânea. Pois elas permanecem vivas como referência para quem se propõe a compreender como as desigualdades de gênero e de classe ainda dificultam e podem impossibilitar a criação literária e acadêmica de muitas mulheres, principalmente aquelas que são racializadas e pobres. Portanto, conforme procuramos demonstrar neste artigo, o fato de Carolina de Jesus ter produzido artisticamente nas condições mais adversas de existência, se constitui como um indício da relevância de estudar sua obra enquanto contribuição para pensar uma geografia feminista negra localizada no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. Carolina Maria de Jesus, uma trajetória urbana. **Anais XVI ENANPUR**. Belo Horizonte: ANPUR, 2015. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1801/1780> Acesso em: 10/09/2021.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência política do empoderamento**. trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- EVARISTO, Conceição; JESUS, Vera Eunice. Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, Carolina Maria. **Casa de alvenaria, volume 1**: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 09-23, 2021.
- GONALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Org. Flavia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In **Cadernos Pagu**, 5. Campinas, Ed. Unicamp, vol 5, pp. 07- 41, 1995.
- HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Trad. Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diários de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2007.



JESUS, Carolina Maria. **Casa de alvenaria, volume 2**: Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. In: **RBCS** Vol. 32 n° 94, junho/2017, e329402.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar**: A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império Cognitivo**: a afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Toda Palavras, 2009.

VERGÈ, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.